

AS PIADAS SOBRE BAIANO: ESTEREÓTIPO, HUMOR E PRECONCEITO

Alan LOBO¹

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar o funcionamento do discurso humorístico em piadas sobre baiano a partir dos estereótipos e representações – por vezes hiperbólicas – construídas sócio-historicamente. Inscrita na Análise do Discurso de linha francesa, esta pesquisa (em andamento) parte do seguinte questionamento: como a história e a ideologia são mobilizadas no interdiscurso, promovendo o riso, bem como possíveis tensões entre o discurso identitário e o discurso humorístico? Pretende-se, a partir das remissões a outros discursos, avaliar as formações discursivas e, por conseguinte, a ideologia envolvida na construção e manutenção do riso como também dos embates sociais articulados pelo estereótipo, na medida em que “não há comicidade fora daquilo que é propriamente humano” (BERGSON, 1899).

Palavras-chave: piadas; baiano; humor; estereótipo.

Résumé

L'objectif de cet article c'est d'analyser le fonctionnement du discours humoristique dans les blagues sur baianos (celui qui vient de l'État brésilien de Bahia) à partir des stéréotypes et des représentations – parfois hyperboliques – construites socio-historiquement. Inscrite dans l'Analyse du Discours de ligne française, cette recherche (en progrès) part du suivant questionnement: comment l'histoire et l'idéologie sont mobilisés dans l'interdiscours, en promouvant le rire, ainsi que des possibles tensions entre les discours identitaire et l'humoristique? Cet article est destiné, à partir des remissions à autres discours, à évaluer les formations discursives et, par conséquent, l'idéologie engagée dans la construction et la manutention du rire, aussi comme des affrontements sociaux articulés par le stéréotype, dans la mesure où “il n'y a pas du comique dehors de ce qui n'est pas proprement humain” (BERGSON, 1899).

Mots-clés: blagues, humour; Baianos; stéréotypes.

1 Introdução

Inscrita na Análise do Discurso de linha francesa (de agora em diante AD), esta pesquisa visa à análise das piadas sobre baiano, tematizando o modo como as representações do baiano, a partir de estereótipos, se processam no interdiscurso, fomentando o riso como também o preconceito. Tais representações expõem a necessidade de investigar o modo como os mecanismos de articulação do humor – tanto discursivos quanto textuais – trabalham em

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) - Unicamp. Bolsista FAPESP. E-mail: alan.lupus@gmail.com

conjunto com os discursos por vezes reacionários que fomentam e são fomentados pelos estereótipos, expondo a prática ideológica que constroem e mantêm tais discursos.

Mas o que está na base da caracterização desta “baianidade”? O tema da preguiça, generalizadamente visto como a representação de tal baianidade, não raramente é evocada nas piadas sobre baianos. Contudo, essa não é a única caracterização associada ao baiano nas piadas em que é o foco: há também a alusão à ignorância, à esperteza (tirar proveito de alguém ou de certa situação), bem como à comum representação do baiano como nordestino² – a saber, o nordestino como um objeto do riso (ignorante, pobre, marginal etc.), estereótipos bastante explorados na representação do baiano, como mais um mote das piadas sobre baiano.

Considerando outros discursos históricos, vê-se que o baiano também é visto como um indivíduo acolhedor, que gosta de uma rede, de axé, cultua o candomblé, come acarajé, adora ir à praia e, a partir da referência às figuras de alguns representantes baianos, sobretudo da música e da literatura, é caracterizado por um jeito manso e peculiar de falar. Tais peculiaridades comumente são reafirmadas em programas humorísticos a partir do estereótipo do baiano preguiçoso.

Neste *espaço discursivo* (MAINGUENEAU, 2008a), aqui recortado sobre o campo do discurso humorístico, contrapõem-se outros discursos históricos, que apontam a figura do baiano – do nordestino – como um dos responsáveis, por exemplo, pela construção de grandes cidades brasileiras, como São Paulo. Algumas dessas piadas tematizam as relações de trabalho, e os baianos, ao serem representados como avessos ao trabalho, encontram-se no pólo oposto aos outros brasileiros – sobretudo os que vivem no sudeste e sul, caracterizados como trabalhadores. Seriam, pois, estes discursos os alicerces do estereótipo mais presente nas piadas sobre baiano: a do baiano preguiçoso?

Possenti (1998) afirma que os estereótipos estão presentes em piadas machistas, sobre gaúchos, políticos etc. Contudo, não é comum – apesar de possível – ouvir piadas sobre negro: o preconceito que tal prática carrega – a memória discursiva mobilizada em tal ato – é um dos principais fatores limitadores dessa prática. Tal limitação, porém, não inibe, por exemplo, a construção de piadas de cunho preconceituoso quando se trata de piadas regionalistas sobre nordestinos (Baianos, Paraibanos, Cearenses etc.).

Tais acontecimentos apontam para o fato de que a promoção do riso envolve mais que o lúdico, envolve também os contextos históricos e sociais em que as personagens envolvidas são representadas. “Para compreender o riso, é preciso colocá-lo em seu meio natural, que é a

² E o inverso também é notado no caso das piadas de cunho regional em que os nordestinos em geral (Pernambucanos, Paraibanos, Cearenses etc.) são alcunhados de baianos em algumas regiões sulistas.

sociedade [...] O riso deve ter uma significação social” (BERGSON, 2007 [1899], p. 6). O próprio Freud (1905), apesar de dedicar boa parte de seu estudo sobre os chistes à técnica a partir da qual são construídos, insiste na motivação social dos chistes.

E é no e através do interdiscurso que há a possibilidade de compreender historicamente a formação dos estereótipos, bem como compreender o modo como se processa a reafirmação do preconceito sobre o baiano. Através do interdiscurso é possível esclarecer o que já foi dito sobre a figura do baiano, determinando, assim, os efeitos de sentido evocados em tais piadas.

É o que diz Maingueneau (2008b, p. 43): “a unidade de análise pertinente não é o discurso em si mesmo, mas o sistema de referência aos outros discursos através do qual ele se constitui e se mantém”. No caso das piadas sobre baiano, todo o já dito sobre a figura do baiano: o baiano preguiçoso, festeiro, esperto, alheio ao trabalho, assim como a atribuição do nordestino-imigrante representado como ignorante. Todos esses fatores determinarão os efeitos que o estereótipo de baianidade veicula: o preconceito e o humor/riso.

Entre mitos e representações formuladas pelo imaginário social, o que se vê nos trabalhos de Moura (2005) e Pinho (1998) é que algumas representações associadas ao baiano – sobretudo acerca do estereótipo da preguiça – são construídas a partir de discursos históricos, envolvem tensões e conflitos – por vezes, contradições.

Idéia de Bahia [...] é um objeto cultural multifacetado, que "existe" apenas nas formas de seu uso, sedimentado e agenciado pelo concerto de um determinado número de agentes identificáveis, sob o ambiente específico e definido do autoritarismo político e da discriminação racial operantes no Brasil por todo esse século. Este uso realiza-se como estrutura cultural de poder, na forma de uma ideologia sofisticada e persuasiva, de apelo popular e organicamente articulada à construção do imaginário nacional. Com uma dinâmica de produção análoga à produção da consciência nacional e baseada em representações construídas de povo e da autenticidade cultural. [...] A Idéia de Bahia conforma uma densa rede cultural que dá sustentabilidade a práticas discursivas e que se reitera constantemente através de suas "mutações": como gosto estético que orienta o consumo, como verdade essencial sobre a natureza do "povo" baiano, como mito de origem da propalada e celebrada diferença cultural da Bahia, como ethos político de um "povo" (encarnado na figura de seus governantes) etc. (PINHO, 1998, p. 4)

Tal consideração é fundamental, na medida em que determinará, nas piadas sobre baiano, efeitos de sentido decorrentes da história social em que se inscreve.

Assim, diante desse “domínio discursivo quente” (POSSENTI, 1998), diante das tensões presentes em meio ao humor construídas a partir de tais estereótipos (não raramente encarados como traços que denunciam uma suposta inferioridade do baiano), surge o seguinte problema: quais as razões históricas que fazem com que o baiano seja representado a partir da

temática da preguiça quando, no sentido inverso, a mesma história aponta o baiano como responsável por uma grande rede migratória em busca do trabalho? Por sua vez, o que faz com que tal estereótipo, e não outro, seja explorado pelo discurso humorístico no caso das piadas sobre baiano? Este último um ponto de grande interesse da AD.

1.2 Análise do discurso: conceitos basilares à análise

Sabendo que, na AD, o objeto de análise impõe o quadro teórico de descrição, interpretação e análise sobre o qual o analista se apoia, torna-se fundamental elencar alguns conceitos basilares para a pesquisa. Nesta pesquisa, a mobilização de tais conceitos corresponde, sobretudo, à remissão que o discurso humorístico faz a outros discursos históricos – ao pré-construído –, tornando imperiosa a noção de interdiscurso, bem como o conceito de formação discursiva (FD). Por conseguinte, a encenação das piadas remete ao conceito de cena enunciativa, fundamental à caracterização do discurso humorístico, suas peculiaridades.

1.2.1 Cenas da enunciação

Concebido como um dado a ser analisado, cada enunciado é revestido por um contexto que aponta, em sua enunciação, os efeitos de sentido produzidos, bem como os discursos mobilizados no ato do funcionamento discursivo. Inseparáveis, o texto – unidade linguística de análise – e o quadro social em que circula e é produzido convergem, produzindo uma cena enunciativa sobre a qual se debruça o analista do discurso.

Maingueneau (2008b) propõe o desdobramento dessa cena enunciativa em: (i) *cena englobante* (correspondente ao tipo de discurso, i.e., o discurso religioso, político etc.); (ii) *cena genérica* (os gêneros de discurso, representando um contexto específico, sobretudo, a finalidade e as circunstâncias, além das particularidades estruturais que distingue um gênero de outros); e (iii) *cenografia* (cena em que se constrói e se processa a enunciação – e.g. uma sequência narrativa ou uma conversação). No caso das piadas sobre baiano, a encenação da enunciação é caracterizada pela sua cena englobante (o discurso humorístico), pela cena genérica (a piada enquanto gênero discursivo, em função, entre outras coisas, do seu caráter surpreendente, da sua brevidade, do jogo verbal etc.) e pela cenografia (enquanto funcionamento discursivo articulado através da narrativa e do diálogo encontrados nestas piadas).

Considerando, porém, que grande parte das piadas sobre baianos apresenta-se, do ponto de vista da cena englobante e genérica, previamente demarcada (a saber, respectivamente, o discurso humorístico como cena englobante e a piada enquanto gênero de discurso), a questão que merecerá maior atenção será a cenografia, sobretudo pelo fato de ela ser o ponto de encontro entre a os aspectos linguísticos e discursivos, justificando a exigência de uma análise linguística.

1.2.2 Formação discursiva e Interdiscurso

Proposto por Foucault (1969), o conceito de formação discursiva (FD) – caracterizado pelo autor como “sistema de dispersão” –, somente é incorporado à AD a partir das considerações de Michel Pêcheux em um texto escrito em colaboração com Claudine Haroche e Paul Henry, “A semântica e o corte Saussuriano”, tornando o conceito de FD fundamental – apesar de ainda polêmico – para a AD. Caracterizada por Pêcheux como o lugar que determina “o que deve e pode ser dito”, a noção de FD é fundamental para essa pesquisa, na medida em que se constitui através do interdiscurso – o que se explica pelo próprio interesse da AD: analisar o funcionamento discursivo, os trajetos interdiscursivos e, por conseguinte, as FDs que se interligam à medida que se constituem.

Desta maneira, a noção de FD aqui adotada corresponde à proposta por Pêcheux (1975) segundo a qual a FD envolve o funcionamento do pré-construído. No caso das piadas sobre baiano, revelador de formações ideológicas que sustentam, por exemplo, representações estereotipadas de determinados grupos sociais – ponto onde se entrecruzam discurso e linguagem. Além disso, a própria heterogeneidade constitutiva dos discursos impõe às FDs um caráter heterogêneo que não pode ser desconsiderado, pois se depara com FDs interligadas a outras FDs. E o mais importante: torna possível encarar a FD como definida a partir do interdiscurso. Assim:

O próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal, objetividade material essa que reside no fato de que “algo fala” (*ça parle*) sempre “antes, em outro lugar e independentemente, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas. (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 149)

Através do interdiscurso será possível compreender as próprias peculiaridades ideológicas envolvidas na relação do discurso humorístico com outros discursos com os quais ele se relaciona e se mantém. É importante, porém, ressaltar o posicionamento dessa pesquisa

acerca do princípio adotado por Maingueneau (2008a, 2008b): o primado do interdiscurso sobre o discurso. Tal premissa será relevante para compreender os efeitos de sentido responsáveis tanto pelo humor articulado através dos estereótipos quanto pelo preconceito expresso por esse mesmo estereótipo, bem como através dos embates a que esse discurso pode remeter.

Interligado, construído e mantido a partir de outros discursos, o discurso humorístico será analisado não apenas em si mesmo, mas, sobretudo, em sua articulação com outros discursos. Tal posicionamento teórico, proposto por Maingueneau (2008a, 2008b), o de privilegiar o interdiscurso em detrimento do discurso, colocando-o como o próprio objeto de pesquisa, é, portanto, fundamental para a compreensão do modo como os estereótipos se formam e se mantêm, na medida em que então se torna possível observar outros discursos envolvidos nesse jogo, através do funcionamento ideológico materializado em um discurso – no caso, o discurso humorístico.

1.3 Humor: teorias e funcionamento discursivo

Há muito tempo o fenômeno do riso é observado e analisado, resultando, por conseguinte, na elaboração de teorias a respeito dos motivos que o geram. É o que aponta Skinner (2002) ao apresentar as teorias clássicas do riso: segundo esta análise, Aristóteles, Platão, Cícero, Quintiliano, entre outros, construíram teorias a respeito do risível, associando-o comumente ao escárnio, à zombaria, ao desdém.

Em seu levantamento sobre a(s) teoria(s) clássica(s) do riso construída(s) ao longo da história, Skinner (2002) direciona sua análise para as idéias propostas por Thomas Hobbes. E inicia sua investigação observando os temas mais presentes na temática do riso, sua relação com a retórica, as emoções que são evocadas e suas possíveis motivações, bem como as ideologias que afirmavam ser o riso algo inconveniente. E apresenta um dos pontos relevantes da relação entre o riso e ideologia observada a partir de Tomas Hobbes – que é um dos temas de maior interesse dessa pesquisa: “...a sugestão básica de Hobbes é que o riso expressa a sensação, alegre e desdenhosa, da nossa própria superioridade” (*ibidem*, p. 56).

Na mesma linha de pensamento, Bergson (2007 [1899]) afirma: “Essa deve ser a função do riso. Sempre um pouco humilhante para quem é seu objeto, o riso é de fato uma espécie de trote social” (*ibidem*, p. 101). Tal afirmativa decorre das teses elaboradas pelo próprio autor – e sobre quais serão as bases de estudo (e confronto) das análises construídas sobre o *corpus* dessa pesquisa: (i) “Não há comicidade fora daquilo que é propriamente

humano” (*ibidem*, p. 2); (ii) a insensibilidade acompanha o riso: “O riso não tem maior inimigo que a emoção” (*ibidem*, p. 3); (iii) “O riso precisa de eco” (*ibidem*, p. 4): o riso só se realiza quando compartilhado socialmente, uma vez que, para o autor, “O riso deve ter uma significação social” (*ibidem*, p.17). Daí o fato de esta pesquisa recorrer à história, à ideologia, ao que é humano, ao que construiu e mantém estereótipos promotores do riso (e do preconceito). Além de por em jogo o motivo que leva a determinados estereótipos a serem explorados pelo humor – um ponto de grande interesse da AD.

Tais afirmativas interessam pelo seu caráter teórico e, sobretudo, empírico, uma vez que possibilita situar o objeto de análise dessa pesquisa, o discurso humorístico, em seu contexto, inseparável, que é a sociedade – e, portanto, em sua relação com a língua; o que subsidia a análise a partir da alusão à ideologia e historicidade comumente depreendidas pela remissão a outros discursos que sustentam e compõem os estereótipos.

Já Freud (1905) faz uma breve avaliação sobre as diversas tentativas de teorizar o humor, sobretudo a partir de algumas contribuições de Theodor Lipps em que este caracteriza os chistes pela sua brevidade: “Um chiste diz o que tem a dizer, nem sempre em poucas palavras, mas sempre em palavras poucas *demais...*” (LIPPS apud FREUD, 1996 [1905], p. 21). Porém, Freud direciona sua análise dos chistes a partir de dois pontos centrais: o primeiro, o modo como eles se constroem, propondo uma teoria sobre a técnica dos chistes, sobretudo a sua técnica verbal; já o segundo ponto refere-se à análise das motivações sociais dos chistes. Ambos os pontos fundamentais à análise dos chistes proposta para essa pesquisa.

Descrevendo os diversos processos linguísticos (métodos técnicos) de *condensação*, *deslocamento*, *representação indireta* etc., e quase sempre se utilizando do processo de substituição ou mesmo da redução do chiste acompanhado da inferência, Freud (1905) estuda os chistes através da proposição de uma técnica que explique tanto o riso quanto os mecanismos verbais responsáveis pela construção do humor nesses chistes.

Para essa pesquisa, será considerada a classificação dos chistes proposta pelo autor: (i) segundo sua técnica – “chistes verbais” ou “chistes conceptuais”; (ii) segundo o seu propósito – “chistes hostis” ou “chistes obscenos”. Apesar de o autor enfatizar o fato de que a técnica dos chistes não necessariamente se relaciona com os propósitos que os movem, tal divisão interessa a essa pesquisa, na medida em que esta privilegiará os chistes verbais (aqueles movidos por mecanismos linguísticos de promoção do humor – a técnica) que, por sua vez, expõem os propósitos que caracterizam as piadas sobre baiano como chistes hostis (vinculados, entre outras coisas, à sátira e à agressividade).

É nesse ponto de encontro, entre a constituição linguística e o mote discursivo, que esta pesquisa fixa seu objetivo de análise, de modo a justificar o seu uso pelas próprias palavras de Freud (1996 [1905]) acerca dos chistes hostis:

Tornando nosso inimigo pequeno, inferior, desprezível ou cômico, conseguimos, por linhas transversas, o prazer de vencê-lo – fato que a terceira pessoa, que não despendeu nenhum esforço, testemunha por seu riso (*ibidem*, p.103).

Acredita-se que os chistes com um propósito hostil correspondem ao espaço discursivo em que as piadas sobre baiano se constroem. E, apesar da existência de obstáculos que poderiam limitar ou mesmo impedir a exploração do estereótipo acerca da “baianidade”, o riso e o humor apreendidos dessas piadas revelam um ponto de encontro – e que merecerá a devida atenção nessa pesquisa – com as colocações propostas pelo autor:

Um chiste nos permite explorar no inimigo algo de ridículo que não poderíamos tratar aberta ou conscientemente, devido a obstáculos no caminho; ainda uma vez, *o chiste evitará as restrições e abrirá fontes de prazer que se tinham tornado inacessíveis* [grifo do autor]. Ele ademais subornará o ouvinte com sua produção de prazer, fazendo com que ele se alinhe conosco sem uma investigação mais detida. (*ibidem*, p. 103)³.

Assim, as piadas sobre a representação do baiano a partir de estereótipos aparentam opor o discurso humorístico a outros discursos historicamente marcados pelo preconceito em que se articulam estereótipos sobre a figura do baiano. Discursos esses que aparentemente não encontram barreiras para a promoção do riso – diferentemente, por exemplo, das piadas que tematizam o negro: o discurso reacionário encontra uma barreira que o impede de circular da mesma forma que as piadas sobre baiano, judeus etc.

2 Uma breve análise

A partir das contribuições das teorias sobre o humor propostas por Skinner (2002), Freud (1905) e Bergson (1899) será possível analisar tal contradição, entre outras coisas, pelo

³ É o caso, por exemplo, da seguinte piada: *Dois baianos que eram primos vão servir o Exército. Chegando lá, são entrevistados pelo sargento: – Qual o seu nome? - pergunta ao primeiro. / –É Tonho, meu rei. / – Negativo. De agora em diante, você será Antônio. E o que você está fazendo aqui? / – Tô dando um tempo. / – Negativo. Você está servindo à Pátria. E o que é aquilo? - pergunta, apontando para a Bandeira do Brasil. / – É a bandeira. / – Negativo. De agora em diante, ela é a sua Mãe. / Vira-se para o segundo e pergunta: – Qual o seu nome? / – É Pedro. / – E o que você está fazendo aqui? / – Servindo à Pátria. / – E o que é aquilo (apontando para a bandeira)? / – É minha tia, mãe de Tonho.* Nesta piada, apesar da possibilidade de se articular um outro sentido – a de desvalorização (rebaixamento) dos símbolos “sagrados” (a bandeira) –, há um o outro sentido nesse chiste que atende a um propósito hostil: a representação do baiano a partir de uma referência à ignorância. Porém, por ser construída de forma “inocente”, tal representação não se apresenta como empecilho à construção do humor.

caráter humano do riso – sua significação social –, bem como pelos seus propósitos – desdém, ofensa, humilhação etc.

Expostas as bases teóricas de descrição e interpretação das piadas, analisemos, brevemente, dois exemplos contrastantes quanto ao modo como os estereótipos promovem o riso:

Piada 1

Viajam em um trem um gaúcho, um mineiro, um carioca, um paulista e um baiano. Lá pelas tantas, o gaúcho abriu a sacola, pegou um belo pedaço de carne, mordeu uma pequena parte e jogou o restante pela janela. Todos observaram aquilo com um certo espanto. O gaúcho justificou:

–Bah, tchê!! Isso é o que mais tem na minha terra!

Passado algum tempo, o mineiro abriu a sacola, pegou um pedaço de queijo e repetiu o gesto de gaúcho. Todos os outros olharam para ele, espantados, e o mineiro disse:

– Uai, sô! Isso é o que mais tem na minha terra!

Mais um tempinho e foi a voz do carioca. Abriu a sacola, pegou um baseado de uns 20 centímetros (parecia um charuto cubano), acendeu, puxou, prendeu, soltou e jogou o resto pela janela. O espanto geral se repetiu! E o carioca:

– É isso aí, mermão. Isso é o que mais tem na minha terra!

Passaram-se uns vinte minutos, o silêncio já reinava no vagão, quando, de repente, o paulista, sem nada dizer, levantou-se e... jogou o baiano pela janela.

Piada 2.

Casal de baianos na cama, jogando conversa fora, quando a mulher diz para o marido, bocejando:

– Oi, meu rei, eu vou dormir, visse?

E ele, lentamente:

– Jura, minha preta?! Logo agora, que eu pretendia abusar de você.

A baianinha se reanima:

– Ah, é? Oxente, então abusa. Vai, abusa.

– Eu posso?

– Pode!

– Então vai lá na cozinha, pega uma cerveja e uns tira-gostos de carne do sol.

(i) Em ambas as piadas, há a presença de estereótipos acerca da figura do baiano: o primeiro, a partir de um estereótipo baseado numa ideologia próxima ao preconceito racial – como um dia foi evidenciado com os judeus e ainda está presente, mesmo que velado, com os negros; o segundo, o mais conhecido, a preguiça. O que se vê, porém, é que todas as peculiaridades associadas ao baiano mencionadas na piada evocam discursos históricos, ideologias que determinarão determinados efeitos de sentido. Sentidos esses processados no e através do interdiscurso.

(ii) Na *piada 1*, o estereótipo acerca do baiano não parece ser o tema central: a relação da carne com o gaúcho (a questão do churrasco), a do queijo com o mineiro, o uso de drogas associado ao carioca, e a “repulsa” do paulista são representações (por vezes hiperbólicas) que poderiam assumir a cena central da piada (diriam alguns). Há quem diga também que se trata de uma piada de paulista – o que seria mais aceitável. Contudo, o desfecho surpreendente – a figura do baiano posta para fora daquele convívio, sem direito a voz – faz com que a piada (e

o motivo do riso) seja associada à forma como o baiano foi representado. O humor, portanto, não está na representação do paulista, mas no mecanismo linguístico, na técnica do chiste que conduz o entendimento para a forma como o baiano é representado. E o que respalda tal análise é a técnica verbal presente na piada definido por Freud (1905) como *abreviação*: o enunciado “Isso é o que mais tem na minha terra”, partilhado e repetido por todos os outros participantes da piada, é abreviado, desaparecendo no final da piada, sem deixar um substituto – apesar de ser percebido ao final da piada. Para Freud tal *abreviação* dá-se pela “tendência à economia”: no caso da piada, a economia (a não repetição) do enunciado no desfecho do chiste. Por sua vez, é na não inclusão dessa sentença – e também na sua percepção – que se articula o humor. Por outro lado, a não observação desse ponto por parte do interlocutor determinará o não entendimento da piada.

Já no que tange à análise do “fundo” em que se desenrola esta cena enunciativa, pode-se atribuir à figura do baiano o papel de intruso, indesejado, inferior. Porém, o ponto de maior relevância corresponde à sua caracterização como “objeto indesejado” – “na *minha* terra” –, como aquilo que mais tem “na terra do paulista”. Por fim, o estereótipo explorado na piada – o baiano representado como um ser inferior, vítima de preconceito – atende ao propósito hostil do chiste: marginalizar, diminuir a figura do outro, como proposto por Freud (1905), bem como compactua com as características atribuídas ao riso segundo Skinner (2002), a superioridade. E levanta o seguinte questionamento: seria o estereótipo da preguiça o mais comum nas piadas sobre a representação do baiano?

(iii) Na *piada 2*, no que tange à técnica verbal articulada nesse chiste, não há dificuldade em perceber o *contraste de idéias* (FREUD, 1995) que a palavra “abuso” (em seus diferentes empregos) significa: de um lado, a forma de aproveitar a “oportunidade ímpar” que um dos personagens acredita dispor de sua parceira; em contraposição a esta concepção, esta a compreensão de sua companheira, que vê no mesmo termo – “abuso” – uma conotação sexual. Victor Raskin (1985), em “*Semantic mechanisms of humor*”, caracterizará esse mecanismo linguístico de articulação do humor a partir da existência de dois *scripts*, que, nesta piada se opõem: o *script* sexual (o uso da palavra abuso conotando um traço que tematiza o próprio ato sexual) e o *script* não-sexual, em que há a temática da preguiça. Por sua vez, a frase final da piada representará o *gatilho* (neste caso, representado pela ambiguidade) que impõe a passagem de um *script* a outro e que, por conseguinte, determinará o efeito humorístico do chiste. No chiste, o *gatilho* corresponde ao enunciado “Então vai lá na cozinha, pega uma cerveja e uns tira-gostos de carne do sol”; momento em que a ambiguidade

entre os dois *scripts* faz-se compreendida. Assim, a oposição entre os dois *script* sexual/não-sexual ou mesmo esperado/inesperado corresponde ao mecanismo linguístico de articulação do humor de maior relevância nesse chiste.

3 Considerações finais

A escolha das piadas sobre baiano não é casual neste trabalho: o fato de o baiano ser ora representado nas piadas como preguiçoso, ora ignorante, e, em raros momentos, visto como esperto, revela a tensão entre os discursos, a evocação do preconceito em meio ao riso e, por conseguinte, discursos reacionários. É, pois, um conjunto de fatores que deve ser investigado a partir de um olhar sobre os discursos históricos e ideológicos envolvidos há muito tempo no discurso regionalista.

As piadas, de um modo geral, são um campo rico para a AD, haja vista que os diferentes modos de articulação do riso – a materialidade textual –, somados à convergência de discursos que podem ser mobilizados em tal construção, estabelece um objeto de estudo de grande relevância analítica. As piadas sobre baiano constituem um recorte temático de reforço de estereótipos – um dos meios mais explorados na articulação do riso, como aponta Possenti (1998). E que, nas piadas sobre baiano, acrescenta-se um ponto fundamental: a fonte histórica de construção dos estereótipos pouco conhecida.

Em relação à base metodológica de abordagem das piadas, são várias as possibilidades de análise, como as apontadas pelo próprio Possenti (1998) – a questão da autoria, as condições de produção, o papel do leitor na construção dos sentidos, a análise dos níveis linguísticos (como a morfologia e a sintaxe) –, que fazem das piadas um campo fértil para a análise do discurso. Neste projeto, porém, há a ênfase recairá sobre os conflitos observados no e através do interdiscurso.

E será o recorte sobre o estereótipo de baianidade, analisado levando em consideração uma memória discursiva, do “já dito”, o ponto de investigação que aponta para a hipótese de que os discursos que provocam o riso se constroem através da reafirmação das relações de poder construídas histórico-ideologicamente, em meio a embates e conflitos por vezes esquecidos – ou desconhecidos. Portanto, a escolha das piadas sobre baiano agrega uma relevância social e científica à análise de tal *corpus*.

É, pois, com a análise que tal temática proporciona que a pesquisa visa a contribuir com mais uma investigação do modo como a ideologia e a historicidade faz-se presente em meio às tensões socialmente construídas – tensões essas que merecem uma maior atenção em

relação ao discurso chistoso. Afinal, se tais piadas circulam na sociedade, fica em dúvida a existência do preconceito, revelando a existência das condições de produção que permitem tal materialização.

A construção de estereótipos expõe um ponto crucial para a sua compreensão: a possibilidade de os traços caracterizadores do baiano nas piadas constituírem um *simulacro*. É o que Possenti (2004) aponta no caso das piadas machistas:

Uma das características das piadas é que elas opõem dois discursos, que podem ser caracterizados como positivo / negativo (e que se especifica, por exemplo, em "macho / veado", "bobo, caipira /esperto") etc. Assim, considerando-se a hipótese deste trabalho, as piadas fazem aparecer, ao lado de um estereotipo básico, assumido pelo próprio grupo (um traço de identidade?), o estereotipo oposto. Por exemplo, se um grupo se representa tipicamente como "macho" (valente etc.), as piadas dirão dele não só seu oposto, mas seu oposto mais rebaixado possível, considerado um certo quadro cultural. Assim, embora o traço "macheza / masculinidade" possa implicar características não ligadas necessariamente ao desempenho sexual (como valentia, ombridade etc.), o estereotipo oposto com o qual a piada opera selecionará o traço "sexualidade". E neste sentido que se pode dizer que o estereotipo talvez seja um simulacro. (*ibidem*, p.159)

Assim, a representação da baianidade é talvez um exemplo do processo de materialização discursiva a partir de certos traços (+esperto/+preguiçoso). Logo, tendo em vista que os estereótipos atribuídos ao baiano – a sua preferência pelas festas populares, a valorização do descanso e, por conseguinte, a desvalorização do trabalho – pode-se dizer que as anedotas sobre baiano fomentam a criação de um simulacro que coloca lado a lado (não necessariamente opõe, nesse primeiro momento) o traço [+esperto] e o traço [+preguiçoso]. A oposição – e por, sua vez, o simulacro – encontra-se, na verdade, no fato de que tais traços se opõem aos traços [+ignorante] e [+trabalhador], respectivamente. Este último é relacionado aos discursos históricos que apontam o baiano como um dos responsáveis pela maior taxa de migração em busca de trabalho; enquanto que o primeiro se relaciona a uma característica depreciativa bastante explorada na representação da figura do baiano, a ignorância. Há, pois, nesse segundo momento, o simulacro, a partir da oposição de dois traços de distintas configurações – [+esperto/+ignorante] e [+preguiçoso/+trabalhador] –, apesar de que há quem diga que há apenas a utilização do tema da preguiça. Porém, aponta Bergson (2007 [1899], p. 103): “...é preciso confessar – embora custe um pouco a dizer – que não rimos apenas dos defeitos de nossos semelhantes, mas também, às vezes, de suas qualidades”.

REFERÊNCIAS

- BERGSON, H. **O riso – ensaio sobre o significado do cômico**. Tradução Ivone Castilho Benedetti. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007 [1899].
- FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010 [1969].
- FREUD, S. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas, vol. VIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1905].
- MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.
- _____. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.
- MOURA, M. **Identidades**: construção de identidades, identidade local, regional, nacional, baianidade, brasilidade, identidade e militância. In. RUBIM, Antônio. *Cultura e Atualidade*. Salvador: EDUFBA, 2005, p. 77-92.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Orlandi et al. 4. ed. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2009 [1975].
- PINHO, O. S. de A. **A Bahia no fundamental**: notas para uma interpretação do discurso ideológico da baianidade. *Rev. bras. Ci. Soc.* vol. 13 n. 36 São Paulo Feb. 1998.
- POSSENTI, S. **Os humores da língua**: análise lingüística de piadas. Campinas/SP: Mercado de Letras, 1998.
- _____. **Os limites do discurso**: ensaios sobre discurso e sujeito. 2. ed. Curitiba/PR: Criar edições, 2004.
- RASKIN, V. **Semantic mechanisms of humor**. Dordrecht: D.Reidel, 1984.
- SKINNER, Q. **Hobbes e a teoria clássica do riso**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.